

**A ILUSÃO DO SONHO AMERICANO EM A MORTE DE UM CAIXEIRO-  
VIAJANTE DE ARTHUR MILLER.**

Antonius Gerardus Maria Poppelaars

*Universidade Federal da Paraíba*

Sandra Amélia Luna Cirne de Azevedo

*Universidade Federal da Paraíba*

**RESUMO:** Willy Loman, protagonista da peça *A Morte de um Caixeiro-Viajante* (1949) do dramaturgo estadunidense Arthur Miller, é um vendedor que não é bem sucedido na vida profissional. Assim, Willy é considerado um fracassado na cultura norte-americana que exige sucesso, uma característica do conceito do Sonho Americano (*American Dream*), que é questionado e criticado por Miller, por exemplo, no programa da sua peça *The Man Who Had All the Luck* (1990). O entendimento do Sonho Americano, como é representado na história e cultura estadunidense e no discurso na peça é o foco central deste artigo, porque a ilusão do Sonho Americano é considerada uma razão da morte de Willy. Assim, a partir de Adams (1931), estuda-se o Sonho Americano, que representa uma sociedade em que todos podem obter sucesso, independentemente da posição social, através de trabalho duro, liberdade econômica e autossuficiência e que se origina nos Estados Unidos coloniais e na Declaração da Independência (1776). Autores como Ferreira (2011) e Rodrigues (2011) explicam que o discurso é um lugar de memória, repetições, esquecimentos e silenciamentos. Percebe-se que a peça de Miller é um lugar de memória do equívoco Sonho Americano. A ideologia do Sonho Americano procura silenciar os fracassados e repetir o discurso dos vencedores, porque sucesso parece algo “natural”, mas a peça desestabiliza a “naturalidade” do sucesso em um jogo de efeitos de sentidos, deixando os fracassados do Sonho Americano na memória, evitando o

silecionamento e o esquecimento, assim indicando que o “sonho americano” não significa sucesso “natural” para todos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arthur Miller, *A Morte de um Caixeiro-Viajante*, Sonho Americano.

**ABSTRACT:** Willy Loman, protagonist of *Death of a Salesman* (1949) by the American playwright Arthur Miller, is a salesman who is not very successful in his professional life. Willy is considered a loser by the American culture that demands success, a characteristic of the concept of the American Dream, which is questioned and criticized by Miller in, for example, his self-penned program of his play *The Man Who Had All the Luck* (1990). Understanding the American Dream, its representation in American history and culture and discourse in Miller's play contains this article's central focus, because the illusion of the American dream is considered a reason for Willy's death. Thus, based on Adams (1931), the American Dream, representing a society in which everyone can obtain success, independent of social position, through hard work, economic freedom and self-reliance, dating from the United States' colonial times and the Declaration of Independence (1776) is studied. Authors such as Ferreira (2011) and Rodrigues (2011) explain that discourse is a place of memory, repetitions, omissions and forgetting. It is perceived that Miller's play is a place of memory and misconception of the American Dream. The ideology of the American Dream aims to silence the losers and repeat the winners' discourse, because success seems “natural”. However, the play destabilizes the “naturalness” of success in a game of effects of meaning, letting the losers of the American Dream enter into the memory, avoiding omission and forgetting, thus indicating that the American Dream does not mean “natural” success for everyone.

**KEYWORDS:** Arthur Miller, *Death of a Salesman*, American Dream.

## ARTHUR MILLER E O “SONHO AMERICANO”<sup>1</sup>

Willy Loman, protagonista da peça *A Morte de um Caixeiro-Viajante* (1949) é um vendedor de idade madura, que não foi bem sucedido na vida. Ele tem problemas financeiros, vive em uma casa caindo aos pedaços e o carro está constantemente quebrado. Ele é demitido, sofre de delírios e seu casamento já viu melhores dias, pois, ele traiu sua esposa. Seus filhos também falharam. Um filho é um mero funcionário e o outro um ladrão que passou uma temporada na prisão. No final da peça, Willy se suicida.

Assim, é fácil entender que a família Loman não é uma família de sucesso, mas de *losers*, fracassados. A necessidade de atingir o sucesso, na cultura norte-americana, é caracterizada no conceito do “sonho americano” (*American Dream*). O “sonho americano” é questionado e criticado na obra de Arthur Miller, como um tema constante, o que é confirmado por Bigsby (2005, p. 382): “um tema central tem sido uma discussão sobre o “sonho americano” e isso tem sido certamente um tema central na obra dele (Miller)”<sup>2</sup>.

O próprio Miller (*apud* Bigsby, 2010, p. 197) também estipulou a importância do “sonho americano” na sua obra no programa da reencenação de sua peça *The Man Who Had All the Luck* na Inglaterra em 1990: “a coisa que você tem que entender sobre minhas peças é que o pano de fundo é o “sonho americano” e o primeiro plano é o pesadelo americano”<sup>3</sup>. Abbotson (2007, p. 137) afirma sobre *A Morte de um CaixeiroViajante* que: “uma questão temática central desta peça é a consideração de Miller do problemático e esquivo “sonho americano” de sucesso e como o sucesso é interpretado pela sociedade”<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> O “sonho americano” se refere aos Estados Unidos.

<sup>2</sup> “a central theme of American writing has been an argument with the American dream, and it has certainly been a central theme of his work” (todas as traduções são próprias, salvo indicado caso contrário).

<sup>3</sup> “The thing you’ve got to understand about my plays is that the background is the American dream and the foreground the American nightmare”.

<sup>4</sup> “A central thematic issue in this play is Miller’s consideration of the problematic and elusive American dream of success and how success is interpreted by society”.

Centola (2008, p.44) acrescenta que: “esta peça (*Caxeiro-Viajante*), assim como o resto da dramaturgia de Miller, criticamente aborda a falência moral, oculta sob a fachada do sucesso material americano”<sup>5</sup>. Outro autor que confirma a importância do “sonho americano” na obra de Miller é Roudané (2010, p. 63): “*A Morte de um Caixeiro- Viajante* apresenta uma rica matriz ao permitir fábulas que definem o mito do “sonho americano”<sup>6</sup>.

Estas fábulas que definem o “sonho americano” incorporam exemplos como iniciativa, liberdade, trabalho duro e autossuficiência. Estas fábulas se originaram da época dos *Founding Fathers* (Pais Fundadores), quando os Estados Unidos ainda eram uma colônia inglesa, e dos tempos da Declaração da Independência (1776), composta por Thomas Jefferson (ROUDANÉ, 2010).

O entendimento do “sonho americano” da forma como é descrito e criticado na obra de Miller é vital, porque o inacessível sucesso material do “sonho americano” é considerado neste artigo como uma razão para a morte de Willy Loman, protagonista da peça *A Morte de um Caixeiro-Viajante*. Além disso, questiona-se nesta pesquisa a própria culpa de Willy Loman e a influência da sociedade no fracasso do “sonho americano” que move o protagonista. Como Abbotson argumenta:

“Os Lomans são retratados como fracassos sociais na sua incapacidade de ganharem dinheiro e viverem felizes e confortáveis, mas a questão mais profunda perguntada pela peça é se essa falha é devida às próprias insuficiências da família ou causada por padrões irrealistas de sucesso da sociedade? Na opinião de Miller, a culpa do fracasso não deve ser atribuída às engrenagens insignificantes na máquina social como os Lomans, mas deve ser parcialmente atribuídas às forças sociais maiores que operam na vida das pessoas<sup>7</sup>”. (ABBOTSON, 2007, p. 137).

Assim, é vital estudar como o “sonho americano” é descrito na história e cultura norte-americana e como o “sonho americano” é representado no discurso das peças de Arthur Miller,

<sup>5</sup> “this play, as well as the rest of Miller’s drama, critically addresses the moral bankruptcy, concealed beneath the façade of American material success”.

<sup>6</sup> “*Death of a Salesman* presents a rich matrix of enabling fables that define the myth of the American dream”.

<sup>7</sup> “The Lomans are depicted as social failures in their inability to make money and live happily and comfortably, but the deeper question asked by the play is whether this failure is because of their own inadequacies or caused by society’s unrealistic standards of success? In Miller’s opinion, the blame of failure should not be attached to insignificant cogs in the social machine like the Lomans but should be partially attributed to the larger social forces that operate on people’s lives”.

principalmente em *A Morte de um Caixeiro-Viajante*, para entender como e por que o “sonho americano” fica inacessível para a família Loman, assim também para entender o papel da sociedade no fracasso dessa família.

Ferreira (2011, p. 61) confirma que “para compreender a cultura de um povo, é preciso conhecer a sociedade onde ele vive e está”. Assim, é possível compreender a cultura de um povo, neste caso, o “sonho americano” do povo norte-americano, através do discurso. Importa então, considerar que a angústia da sociedade, sendo historicamente instituída, instaura um confronto entre práticas enunciativas (NAVARRO, 2004). Estas práticas enunciativas, como presentes na obra de Miller, mostram o confronto entre o sucesso e o fracasso do “sonho americano”: a saber, o coração da identidade norte-americana.

O discurso, como Rodrigues (2011, p. 230) afirma, é também “um lugar de memória: lugar de repetições, de retomadas, de esquecimentos, de silenciamentos”. Assim, a obra de Miller é considerada um lugar de memória do “sonho americano”. A ideologia do “sonho americano” que quer silenciar os fracassados e repetir o discurso dos que venceram.

Mas, a obra de Miller é também um lugar de equívoco, conforme Rodrigues (2011, p. 230), “em que o que parece natural pode se desestabilizar”. O “sonho americano” parece normal e até natural, mas a peça de Miller mostra que não é assim para todo mundo. Então a peça de Miller desestabiliza a “naturalidade” do “sonho americano”, em um jogo de efeitos de sentidos. Estes efeitos, como Fernandes (2007, p. 237) explica, consistem de “sentidos produzidos por enunciados, ou palavras, entre interlocutores, em decorrência de suas inscrições ideológicas”. Os interlocutores na peça de Miller, de acordo com sua ideologia, produzem sentidos em favor ou contra o “sonho americano”, assim desestabilizando o “natural” do “sonho americano”.

## O “SONHO AMERICANO”: UMA DISCUSSÃO HISTÓRICA E CULTURAL

O termo “sonho americano” foi popularizado por James Truslow Adams no livro *Epic of America* (1931), o que é confirmado por Clark (2007): “em 1931 [...] o autor James Truslow Adams cunhou a expressão o “sonho americano”<sup>8</sup>. Adams descreve o “sonho americano” como uma ordem social em que todos podem obter sucesso, independentemente da posição social, através do trabalho duro:

“[...] o “sonho americano”, aquele sonho de um país em que a vida deveria ser melhor e mais rica e mais completa para qualquer homem, com a oportunidade para que cada um de acordo com sua capacidade ou realização [...] seja reconhecido pelos outros por aquilo que são, independentemente [...] de nascimento e posição”<sup>9</sup> (ADAMS, 1933, p. 374).

Os primeiros traços do “sonho americano” na história dos Estados Unidos são encontrados na época colonial. O “sonho americano” é então um conceito enraizado desde os tempos coloniais. Assim, citando Ferreira (2011, p. 61), pode-se considerar *A Morte de um Caixeiro-Viajante* de Miller como um “lugar da memória que, ao conservar e reproduzir artefatos simbólicos e materiais de geração em geração, torna-se a depositária de toda essa massa de informação social”.

Os primeiros imigrantes, principalmente da classe trabalhadora e média, chegaram a *New England* na costa leste. Uma parte dos imigrantes buscava terras para escapar à pobreza da Inglaterra. Outra parte dos imigrantes foram *The Pilgrim Fathers* (os patriarcas religiosos), Protestantes Puritanos, em busca de liberdade religiosa. Assim, foram fundados os primeiros princípios do “sonho americano”: liberdade religiosa e liberdade econômica (ADAMS, 1933).

Esta liberdade econômica, de acordo com Adams (1933, p. 33), “causou um processo de democratização e a formação do “sonho americano”<sup>10</sup>. Poucos aristocratas foram mandados para a

<sup>8</sup> “In 1931, [...] writer James Truslow Adams coined the term the American Dream”.

<sup>9</sup> “[...] the American Dream, that dream of a land in which life should be better and richer and fuller for everyman, with opportunity for each according to his ability or achievement [...] be recognized by others for what they are, regardless [...] of birth and position.”

<sup>10</sup> “[...] caused a process of democratisation and the shaping of the American dream”.

colônia norte-americana. A maioria dos imigrantes consistia de trabalhadores. Havia pouco trabalhadores qualificados disponíveis na colônia. Assim, os trabalhadores receberiam um salário decente na colônia e eram mais respeitados do que na Inglaterra, o que sugeria uma noção de igualdade.

Os trabalhadores também eram relativamente livres, sem muita interferência aristocrata, para ocupar e cultivar terra. Mas, havia várias dificuldades a serem enfrentadas com pouca ajuda governamental, tais como: construir fazendas, cultivar a terra, a fome nos primeiros anos e os conflitos com os povos indígenas. Como Adams (1933, p. 39) confirma: “[...] os imigrantes, plebeus, fizeram suas próprias leis, haviam realizado uma tarefa difícil, tinham coragem, e resistência. Eram *self-made men* e sabiam disso”<sup>11</sup>.

Então, a conquista da primeira fronteira na América do Norte, a costa leste, *New England*, pelos imigrantes, introduzia na mente norte-americana os princípios do trabalhar duro para ter sucesso, a possibilidade de trabalhar por si mesmo e autossuficiência para sobreviver. Assim, “[...] o direito dos cidadãos a perseguir seus interesses pessoais e à felicidade venceu [...]. Esta vitória foi confirmada por ondas de imigrantes [...], para os quais a América foi verdadeiramente a terra das oportunidades”<sup>12</sup> (SPETH, 2011, p.2).

A mentalidade norte-americana foi, além de caracterizada pela democratização operária, marcada ideologicamente pelos Puritanos, que, de acordo com Centola (2008, p. 35), “[...] deixaram um legado que afetaria fortemente as perspectivas da América por centenas de anos”<sup>13</sup>. Este grupo, os *Pilgrim Fathers*, chegou aos territórios norteamericanos em 1629 no navio *The Mayflower*. Os Puritanos eram calvinistas que consideram a igreja anglicana corrupta em relação à reforma

---

<sup>11</sup> “The immigrants, commoners made their own laws, had performed a hard task, courage and endurance. They were self-made men and they knew this”.

<sup>12</sup> “[...] the right of citizens to pursue their personal interests and joy won [...]. This victory was confirmed by waves of immigrant [...] for whom America was truly the land of opportunity”.

<sup>13</sup> “[...] left a legacy that would strongly affect perspectives of America for hundreds of years”.

protestante. Por isso queriam “purificar” a igreja. Por causa da perseguição sofrida na Inglaterra, decidiram se estabelecer em *New England* em busca de liberdade religiosa.

Os Puritanos, sendo calvinistas, acreditavam que eram os escolhidos por Deus. Assim, como Adams (1933, p. 39) explica: “eles tinham uma crença ardente em sua superioridade”<sup>14</sup>. Por isso, eles queriam levar a ordem moral ao continente americano dos “selvagens” e da natureza selvagem. A crença dos Puritanos na superioridade gerou conflitos e intolerância com outros cristãos e os povos nativos. Entretanto, os sucessos comerciais e bélicos sobre os nativos, sobre a natureza selvagem assustadora e sobre os outros cristãos com trabalho duro, fé em si mesmo e em Deus e fé no empreendimento humano, afirmaram a “superioridade” Puritana.

Assim, nas palavras de Centola (2008, p. 35), os Puritanos forjaram: “para a posteridade uma visão do sonho da América que iria atormentar, seduzir, frustrar, e inspirar escritores por muitos anos por vir”<sup>15</sup>. Seduzir e inspirar por causa da crença no sucesso como resultado de trabalho duro, de fé em si mesmo, em Deus e no empreendimento humano. Atormentar e frustrar pela intolerância e violência, causadas pela crença na superioridade da própria cultura.

Outro ponto marcante na construção do “sonho americano” é a independência dos Estados Unidos e principalmente a Declaração da Independência<sup>16</sup>. Uranga (2008, p. 83) afirma que: “Thomas Jefferson resume o “sonho americano” na Declaração da Independência como o direito de toda pessoa à vida, liberdade e à busca da felicidade”<sup>16</sup>. O significado da independência e da Declaração da Independência foi que o homem comum acreditou no reconhecimento dos seus direitos civis e democráticos, oportunidades iguais à felicidade e à prosperidade, ao invés de um sistema colonial de exploração e supressão (ADAMS, 1933).

---

<sup>14</sup> “burning belief in their superiority”.

<sup>15</sup> “for posterity a vision of the dream of America that would tantalize, beguile, frustrate, and inspire writers for many years to come”. <sup>16</sup> Proclamada em 04-07-1776.

<sup>16</sup> “Thomas Jefferson summarizes the American Dream in the *Declaration of Independence* as the right of every person to “life, liberty, and the pursuit of happiness”.



Mas, a Declaração da Independência provocou também uma cisão entre os *Founding Fathers*<sup>17</sup> e conseqüentemente no “sonho americano”, que foi dividido entre duas ideologias, a de Alexander Hamilton (1755-1804) e a do futuro presidente Thomas Jefferson (1743-1826). Ambos foram nomeados pelo primeiro presidente dos Estados Unidos, George Washington (1732-1799), como conselheiros. Nesta maneira, os dois tiveram uma grande influência no pensamento ideológico norte-americano (ADAMS, 1933).

Jefferson, compositor da versão original da Declaração da Independência, acreditava na liberdade e na busca da felicidade para todos. Também acreditava em oportunidades iguais para os privilegiados e o homem comum. Outros aspectos da ideologia Jeffersoniana são a crença em uma democracia com participação dos homens comuns, um governo descentralizado com poucas funções e uma economia voltada para a agricultura com subsídios para os fazendeiros e terra barrata (ADAMS, 1933).

Alexander Hamilton defendia um governo centralizado, forte e participante na sociedade. O governo deveria ser liderado pelas classes privilegiadas e endinheiradas. Economicamente, a ideologia Hamiltoniana preconizava a industrialização com tarifas protecionistas. Assim, o “sonho americano” foi dividido em uma linha democrática e agrícola baseado no povo comum e uma linha aristocrata e industrial (ADAMS, 1933).

A divisão ideológica do “sonho americano” não foi a única divisão. Além desta divisão mental, havia também literalmente uma divisão geográfica entre as ideologias Jeffersonianas e Hamiltonianas. Esta divisão literal se expressou na oposição entre os interesses do leste e do oeste. O leste, *New England*, representando a colônia original e a base dos Estados Unidos com suas cidades tradicionais como Boston e Nova York, *versus* o oeste, representante do *Frontier*, as novas terras e os *Frontiermen*, os pioneiros (ADAMS, 1933).

---

<sup>17</sup> Pais Fundadores dos Estados Unidos e participantes da Declaração da Independência.

O leste, e principalmente Nova York, representou no século XIX o lado Hamiltoniano. Já naquela época, Nova York era uma cidade industrial com uma vida suburbana. Nova York foi também a cidade exemplar dos *businessmen*, os homens de negócio. Schweinitz (1967, p. 278) descreve Nova York como: “[...] o “lugar” natural [...] do vendedor. [...], onde a lealdade de negócios e jogar limpo não duram de uma geração para outra; onde um prémio bruto é colocado [...] no sucesso em um sentido puramente materialista ou físico [...]”<sup>18</sup>.

Então, o objetivo em Nova York era de ganhar muito dinheiro da forma mais rápida possível. Isso significou, muitas vezes, sob o lema de *business is business* (negócio é negócio), fazer negócios a qualquer custo, sem piedade e escrúpulos. Como Adams (1933, p. 208) observa: “ganhar dinheiro como uma virtude patriótica em oposição a obedecer à lei [...] confundiu nossa consciência moral”<sup>20</sup>.

Já a exploração do oeste representou a filosofia Jeffersoniana. O oeste era uma parte dos Estados Unidos ainda pouca habitada e conhecida. Havia muita terra desocupada, deixando o caminho livre para os pobres e os pioneiros tomar posse da riqueza do oeste. Mas este sonho Jeffersoniano de empreendimento agrícola dos pobres em busca de liberdade e prosperidade com pouca influência governamental tinha também um lado assombreado, tal como o sonho Hamiltoniano (ADAMS, 1933).

No faroeste, *The Wild West*, os pioneiros, estes “[...] praticantes de uma autossuficiência ignóbil e individualismo áspero tornaram-se os ladrões barões cuja avareza e ganância mancharam o sonho agrário [...]”<sup>21</sup> (CENTOLA, 2008, p. 36). Eles tomavam a lei em suas próprias mãos. A violência dominou o oeste na busca de terra e ouro. Assim, muitos indígenas foram assassinados e

---

<sup>18</sup> “[...] the natural “stand” of [...], the salesman, [...] where business loyalties and fair play do not last from one generation to another; where a gross premium is put [...] on success in a purely materialistic or physical sense [...]”. <sup>20</sup> “The making of money as a patriotic virtue against obeying the law...befuddled our moral conscience”. <sup>21</sup> “[...] practitioners of an ignoble self-reliance and rugged individualism became the robber barons whose avarice and cupidity tarnished the agrarian dream [...]”.

suas terras tomadas pelos pioneiros. Entre si, os pioneiros não mostraram piedade e muitos morreram também de fome e exaustão, causada pela ganância dos agiotas do leste (ADAMS, 1933).

Entretanto, os pioneiros do oeste enfatizaram algumas características consideradas necessárias para ter sucesso material. Eles eram corajosos, individualistas, autoconfiantes, agressivos e determinados. Eles também desconfiavam dos intelectuais, porque tinha sido com trabalho duro e perigoso que conseguiram sucesso material e não com educação escolar (ADAMS, 1933).

Assim, Goldstein (2008, p. 111) nota que “[...] na ficção americana e *folklore* há uma tendência para ampliar [...] o pioneiro em tipos nacionais de homens representativos,

“heróico” na medida em que eles entram nas florestas encantadas selvagens [...] e as conquistam por força corajosa de atos violentos”<sup>19</sup>. Então, o pioneiro entrou no “sonho americano” como um exemplo de um herói folclórico e nacional.

## **A REPRESENTAÇÃO DO “SONHO AMERICANO” EM A MORTE DE UM CAIXEIRO-VIAJANTE**

A oposição entre o leste com seus homens de negócios, e o oeste com as novas terras a serem exploradas pelos pioneiros é observada na peça. Willy é o representante do negociante urbano do leste. Os representantes do pioneirismo são Biff, o primogênito de Willy, e Ben, irmão mais velho de Willy. Ben foi ao Alasca e à África. Ele já é falecido quando a peça começa e aparece apenas nas recordações de Willy Loman.

Ben é uma lembrança de Willy da vida do pioneirismo vivida em sua infância. Willy e a família viajavam pelos Estados Unidos de carroça. Willy retorna, ao falar com Ben, às terras recém-exploradas como Ohio, Indiana e Michigan. O pai fabricou e vendeu flautas. O pai é lembrado por

---

<sup>19</sup> “[...] in American fiction and folklore is a tendency to enlarge [...] the pioneer into national types of representative men, heroic to the degree that they enter into the enchanted woods of wilderness [...] and conquer it by bold strength of violent deeds”.

Willy como um *self-made man*, um homem autossuficiente e um grande inventor, então um típico representante do pioneirismo do qual Willy sente saudades.

Ben também volta nas recordações de Willy como um lema recorrente, como se fosse um vendedor do “sonho americano”: “quando eu entrei na selva, tinha dezessete anos. Quando saí tinha vinte e um. E, minha nossa, como estava rico!” (2009, p. 201202)<sup>20</sup>. O que Ben quer vender a Willy é a ideia do pioneirismo como caminho ao “sonho americano”. Ben queria que Willy fosse com ele para fazer fortuna nas terras desconhecidas.

Willy lamenta não ter aceitado essa oportunidade: “se eu tivesse ido para o Alasca com ele aquela vez, tudo teria sido completamente diferente” (2009, p. 196). Mas Willy decide ficar na cidade na esperança de fazer carreira na companhia na qual trabalha. Ben debocha da vida urbana sem risco na qual Willy vive e, querendo se mostrar também como um pioneiro, diz a Ben que: “aqui é o Brooklin, eu sei, mas a gente também caça” (2009, p. 200).

Mas, esta caça consiste principalmente de coelhos. Willy quer que seus filhos aprendam com Ben e com seu sucesso. Então Ben quer que Biff o ataque, mas Ben usa um truque sujo para derrubar Biff, dizendo que: “nunca se luta limpo com um estranho, rapaz. Não vai sair da selva desse jeito” (2009, p. 199-200). Assim Ben mostra que, para ter sucesso na vida como pioneiro, não se pode ter escrúpulos, assim como na vida urbana do capitalismo sem escrúpulos.

Outra personagem na peça que não se sente bem na vida urbana é o filho Biff que diz que: “o que você mais quer de verdade é sair fora, tirar a camisa” (2009, p. 179). Biff deixou a cidade e viajou pelo país trabalhando braçalmente, ganhando um salário mínimo. Ele trabalhou principalmente no Texas como caubói. Willy acusa Biff de ser um malandro que, aos 34 anos, ainda não tem uma direção na vida. Willy quer que Biff fique na cidade para trabalhar como vendedor.

Biff tenta pedir dinheiro emprestado sob pressão do pai para começar seu próprio negócio. Mas, ele reconhece que não é feito para viver a vida de *businessman* na cidade grande quando

---

<sup>20</sup> Todas as traduções da peça *Caixeiro-Viajante* são de José Rubens Siqueira (2009).

confirma: “o que eu estou fazendo num escritório, feito um idiota, implorando. Quando tudo o que eu quero está lá fora” (2009, p. 261). A reação de Willy é se suicidar, para que Biff possa começar um negócio com o dinheiro do seguro, advindo de sua morte.

Mas o sacrifício de Willy é em vão. Biff entende que o pai, igual a ele, não prestava para a vida urbana de vendas, quando Biff afirma no enterro de Willy que: “os sonhos dele eram todos errados. Todos. Todos errados” (2009, p. 266). A vida no campo, como pioneiros, fazendo trabalho braçal é o que Biff queria para ele e seu pai. Biff se lembra no enterro de “tantos dias bons, construindo a varanda. Terminando o porão. Fazendo a cobertura, tem mais dele na varanda do que em todas as vendas que ele fez” (2009, p. 266).

Assim, o “sonho americano” levou Willy Loman ao caminho errado e o encaminhou para sua queda. Não era o “sonho americano” urbano capitalista de Hamilton, mas o “sonho americano” de Jefferson de pioneirismo, agricultura e autossuficiência que deveria ter sido o “sonho americano” ideal de Willy, “[...] sonho pastoral que poderia ter sido mais adequado para a natureza de Willy do que o mundo cruel de negócio que ele escolheu”<sup>21</sup> (ABBOTSON, 2007, p. 136), como o pai, o irmão Ben e o filho Biff, os pioneiros da família, mostraram.

O final do século XIX mostrou que, como confirma Adams (1933, p. 113):

“sucesso material se tornou um bem que não pode ser questionado”<sup>22</sup>. Ganhar dinheiro se tornou sagrado como um dever moral e patriótico. A competição se tornou impiedosa e baseada em individualismo. As barreiras sociais não existiriam mais, então o caminho democrático ao “sonho americano” se abriu para proclamar uma vida de sucesso para todo mundo no final do século XIX, independentemente das consequências sociais para um indivíduo ou para a sociedade total (ADAMS, 1933).

Adams (1933, p.377) nota qual a consequência para o cidadão norte-americano de ter uma vida voltada para ganhar dinheiro: “não que ele pode desfrutar, mas que ele pode gastar (em bens de

<sup>21</sup> “[...] pastoral dream that may have suited Willy’s nature better than the harsh world of business that he chose”.

<sup>22</sup> “Material success became a good that could not be questioned”.

consumo), a fim de que as fábricas possam crescer e ficar mais ricas”<sup>23</sup>. Então, o “sonho americano” se tornou um capitalismo impiedoso no século XX. Assim, como Clurman (1967, p. 212-213) confirma: “[...] existem duas versões do sonho americano. O sonho americano histórico é a promessa de uma terra de liberdade com oportunidade e igualdade para todos [...]. Mas [...] desde 1900, o sonho americano tornou-se distorcido como sendo o sonho de sucesso empresarial”<sup>24</sup>.

Neste século XX, o capitalismo e o “sonho americano” de prosperidade chegaram ao fim do poço em 1929, com a *Wall Street Crash*, quando a bolsa de valores de Nova York se deteriorou, causando uma crise econômica mundial que durou até o começo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Muitas pessoas perderam o emprego e não tinham condições para pagar as contas, as dívidas, e, até a comida (SINCLAIR, 2011).

Willy Loman também tem grandes dificuldades para vender seu produto, seu carro já está velho, sua casa tem muitas falhas e ele tem que comprar a prazo, como a maioria dos norte-americanos durante a década de 1930. Assim, *A Morte de Um Caixeiro-Viajante* “pode ser lida como uma ilustração dos interesses e forças econômicas históricas que atuaram na sociedade norte-americana a partir da virada do século, até quando a peça foi escrita”<sup>25</sup> (ABBOTSON, 2007, p. 37).

No fim da década de 1940, quando Miller escreveu *A Morte de um CaixeiroViajante*, Os Estados Unidos entraram em um período de crescimento econômico, causado pela produção industrial em expansão durante a Segunda Guerra Mundial, principalmente em segmentos como o setor bélico e o automobilístico. No entanto, o crescimento econômico também impôs uma inflação elevada. Esta inflação foi provocada pela utilização do crédito. Muitos americanos compraram produtos, tais como casas, carros e artigos de luxo a crédito. No entanto, as parcelas não puderam ser pagas,

---

<sup>23</sup> “not that he may enjoy, but that he may spend (in consumer goods), in order that the factories may grow richer”.

<sup>24</sup> “[...] there are two versions of the American Dream. The historical American dream is the promise of a land of freedom with opportunity and equality for all [...]. But [...] since 1900, the American dream has become distorted to the dream of business success”.

<sup>25</sup> “*Death of a Salesman* can be read as an illustration of the historical economic interests and forces operating on U.S. society from the turn of the century to when the play was written”.

principalmente pelos operários, como balconistas, lavradores e vendedores, como Willy Loman. (SINCLAIR, 2011).

Percebe-se que, em *A Morte de um Caixeiro-Viajante* que Willy Loman é um vendedor que compra muitos produtos a crédito, tais como a sua casa e sua geladeira. Ele se esforça para pagar suas dívidas, que, em geral, são muito altas para sua renda. Neste contexto, o discurso de Linda, a esposa, é marcante: “bom, tem nove e sessenta da máquina de lavar. E o aspirador é três e cinquenta e vence no dia quinze. Depois tem o telhado, que faltam ainda vinte e um dólares” (2009, p. 189).

Willy não consegue pagar suas próprias contas. A casa, que ainda não foi paga, após vinte e cinco anos, está caindo aos pedaços. O carro sempre tem problemas e outros produtos como a geladeira, que se quebrou imediatamente depois da última parcela paga, provocando irritação de Willy: “uma vez na vida eu queria ter alguma coisa até o fim sem quebrar!” (2009, p. 216).

Então, “o materialismo de Willy é [...] representado em suas lamentações sobre o fracasso dos bens de consumo que ele adquiriu”<sup>26</sup> (BIGSBY, 2005, p. 103). Pior ainda, Willy tem que pedir dinheiro emprestado ao vizinho para completar seu miserável salário. Então, o “sonho americano” materialista não é uma realidade para Willy.

Nesta época de pós-guerra também entraram nas casas norte-americanas muitas novidades eletrônicas que foram inventadas para o uso bélico. Abbotson (2007, p. 137) explica que: “forças do capitalismo e do materialismo vieram à tona e a tecnologia fez sua maior incursão nas vidas de pessoas comuns. *A Morte de um Caixeiro-Viajante* retrata o impacto dessas forças na vida de uma família comum, os Loman”<sup>30</sup>.

Por exemplo, Willy vai até seu chefe Howard Wagner, para pedir um emprego no escritório, porque não aguenta mais tanta viagem por tão pouco dinheiro. Howard mostra a Willy um gravador de arame com qual Howard grava as vozes da sua família. Howard tem mais interesse no gravador

---

<sup>26</sup> “Willy’s materialism is [...] embodied in his lament over the failure of the consumer goods he has acquired”. <sup>30</sup> “forces of capitalism and materialism came to the fore and technology made its greatest inroad into the lives of everyday people. *Death of a Salesman* depicts the impact of these forces on the lives of an ordinary family, the Lomans”.

do que em Willy, que está desesperado com sua situação, o que, de acordo com Guijarro-González & Espejo (2008, p. 70) é: “[...] um sinal de uma nova era e uma nova maneira de fazer negócios, quando os dispositivos eletrônicos cada vez mais sofisticados começam a fazer o trabalho dos funcionários”<sup>27</sup>.

Quando é deixado sozinho por Howard, Willy acidentalmente liga o gravador e fica assustado. Esta cena no escritório de Howard mostra que Willy, um sessentão, não sabe lidar com as novas tecnologias, ele é considerado antiquado. Também seu estilo de vender está fora da moda; “Willy está vivendo em uma época em que a natureza do negócio em si está passando por mudanças intrínsecas, em parte devido à pressão capitalista para ganhar mais dinheiro e tornar-se mais eficiente”<sup>28</sup>, como Abbotson (2007, p. 137) confirma.

Assim, Willy tem dificuldades como vendedor, porque o contato pessoal desapareceu nos anos pós guerra do mundo de vendas. Ele se lembra dos anos 1920, quando um vendedor como Dave Singleman, “de chinelo verde de veludo” (2009, p. 223), vendeu do seu quarto do hotel, sendo bem-quisto por sua personalidade. Por isso, “Singleman representa o sucesso que é atingível. Em Singleman o conceito de sucesso é cortado ao tamanho do Willy, reduzido a uma idéia [...], ficar à frente por ser bem quisto”<sup>29</sup> (HADOMI, 2007. p. 17).

Por isso, Willy Loman “[...] acredita nas promessas do sonho americano. [...] ele tem fé que qualidades superficiais, como a aparência física, levará alguém ao sucesso no sonho”<sup>30</sup>, como Abid (2012, p. 55) acrescenta. O próprio Willy confirma sua confiança em superficialidades quando diz que: “porque o homem que tem aparência no mundo dos negócios, o homem que desperta interesse pessoal, esse é o que chega na frente” (p. 187, 2009), suspira Willy, frustrado com os novos tempos.

---

<sup>27</sup> “[...] a sign of a new era and a new way of doing business, when increasingly sophisticated electronic devices start doing the work of employees”.

<sup>28</sup> “Willy is living in a time when the nature of business itself is undergoing intrinsic changes, partly due to the capitalist pressure to make more money and to become more efficient”.

<sup>29</sup> “Singleman represents success that is attainable. In Singleman the concept of success is cut down to Willy’s size, reduced to an idea [...], that of getting ahead by being well liked”.

<sup>30</sup> “[...] believes in the promises of the American Dream. [...] he has faith that superficial qualities, like one’s appearance, will lead one to succeeding in the dream”.



Então, o “sonho americano” de Willy, de vender pessoalmente sendo *well-liked* (bem-quistado), cai aos pedaços. Uranga (2008, p. 81) confirma que: “a ingenuidade de Willy faz dele um alvo fácil [...] do “sonho americano”. Ele prontamente acredita na retórica popular que todos possam alcançar o sucesso material através de personalidade e popularidade”<sup>31</sup>. Mas é o capitalismo tecnocrático que determina quem terá sucesso no mundo de negócios moderno do “sonho americano”. “Naquela época a coisa tinha personalidade, Howard. Hoje está tudo curto e seco, e a amizade não tem mais chance, nem a personalidade” (2009, p. 223), Willy confirma a seu chefe Howard, lembrando os velhos tempos.

Este Howard representa o homem de negócio moderno, que, de acordo com Guijarro-González & Espejo (2008, p. 69): “[...] pertence a uma nova geração que incorpora uma forma inovadora de fazer negócios [...] após a Segunda Guerra Mundial [...]. Nesta nova era praticamente não há tempo a perder com expressões sentimentais vazias”<sup>32</sup>. Então Howard não tem paciência com as sentimentalidades, o estilo de trabalho de Willy, nem com os anos de serviço de Willy.

Clurman (1967, p. 213) confirma esta mudança em fazer negócios, porque originalmente, “a premissa original do nosso sonho de sucesso [...] foi que empreendimento, coragem e trabalho duro foram as chaves para o sucesso [...] isso também mudou”<sup>33</sup>. O “nosso sonho” mudou em no “[...] objetivo de vender é fazer um acordo, ganhar um lucro; a acumulação de lucro sendo um fim inquestionável em si mesmo”<sup>34</sup> (CLURMAN, 1967, p. 213). Assim, o contato pessoal saiu de fazer negócios nos tempos modernos e entrou a impiedosa acumulação de lucro.

---

<sup>31</sup> “Willy’s naïveté makes him an easy target [...] of the American Dream. He readily believes the popular rhetoric that everyone can achieve material success through personality and popularity”.

<sup>32</sup> “[...] belongs to a new generation that embodies an innovative way of doing business [...] after the Second World War [...]. In this new age, there is hardly time to waste with empty sentimental expressions”.

<sup>33</sup> “The original premise of our dream of success [...] was that enterprise, courage and hard work were the keys to success [...] this too has changed”.

<sup>34</sup> “[...] the goal of salesmanship is to make a deal, to earn a profit; the accumulation of profit being an unquestioned end in itself”.

Por isso, Howard demite Willy, que revida com um grito desesperado: “Você não pode chupar a laranja e jogar a casca fora, um homem não é uma fruta!” (2009, p.223). Mas, para Howard, o homem de negócios moderno sem sentimentos, a decisão foi apenas uma questão de negócio, quando diz a Loman: “porque você há de admitir, negócio é negócio” (2009, p. 222).

Mas tarde na peça, Howard nem está presente no enterro de Willy, empregado na sua companhia por décadas. Guijarro-González & Espejo (2008, p. 71) argumentam que esta ausência de Howard “[...] serve como o último pedaço de evidência na peça que, sob a nova forma de atividade capitalista endossada pelo jovem Howard Wagner, o pessoal e o profissional não têm relação nenhuma”<sup>35</sup>.

Willy, devastado, visita o escritório do seu vizinho, Charley, para pedir mais um empréstimo e para reclamar do tratamento que recebeu de Howard. Willy, revoltado, diz a Charley, que ele havia dado o nome Howard e por isso, e por seu esforço pela companhia há 28 anos, merecia um tratamento melhor. “Você escolheu o nome de Howard para ele, mas isso não vende” (2009, p. 235), responde Charley, também mostrando a frieza dos negócios modernos, no qual não existe mais lugar para sentimentos.

Os discursos em *A Morte de um Caixeiro-Viajante* “se relacionam entre si como complementares, contraditórios, similares, contrários, etc., e, desse modo, fazem com que o sujeito se depare com diversas verdades e crenças coexistentes” (FERNANDES & KHALIL, 2011, p. 261). Bigsby (2005, p. 105) acrescenta que “*A Morte de um CaixeiroViajante* não é um ataque aos valores americanos. É, no entanto, uma exploração da traição desses valores e o custo disso em termos humanos”<sup>38</sup>. Assim, Miller oferece nesta peça discursos contraditórios e complementares do “sonho americano”, por exemplo, através do personagem Ben, o irmão mais velho de Willy Loman.

---

<sup>35</sup> “[...] serves as the very last piece of evidence in the play that under the new form of capitalist activity endorsed by the young Howard Wagner, the personal and the professional have no relation whatsoever”. <sup>38</sup> “*Death of a Salesman* is not an attack on American values. It is, however, an exploration of the betrayal of those values and the cost of this in human terms”.

Ben é a força contrária a Willy, a imagem positiva do “sonho americano”. Ben é o exemplo do *winner* (vencedor) do “sonho americano”, como Bigsby (2005, p. 88) confirma: “para Willy, Ben exemplifica o “sonho americano”, a história de sucesso capitalista”<sup>36</sup>. Quando Ben visita a família Loman, ele diz aos filhos de Willy: “quando eu tinha dezessete anos entrei na selva e quando tinha vinte e um saí. (ri). E nossa como eu estava rico” (2009, p.198). Assim, “a resposta de Ben é um sumário do “sonho americano”<sup>37</sup> (DILLINGHAM, 1967, p. 344). Willy sempre tem, através de Ben, o sucesso do “sonho americano” na sua memória.

Através de Ben, o leitor é confrontado com “diversas, e muitas vezes contraditórias, vontades de verdade, explicitando a instabilidade e a relatividade da ‘verdade’ concebida como única” (FERNANDES & KHALIL, 2011, p. 262). Por causa de Ben, Willy ainda pode sonhar com o sucesso em vez de somente pensar em fracasso e sonhos frustrados, por isso, “Willy Loman está hipnotizado por um mito nacional encarnado na pessoa de seu irmão Ben, que entrou na selva e saiu rico”<sup>38</sup> (BIGSBY, 2005, p. 132). De fato, como Willy diz: “maravilha deste país, que um homem pode acabar coberto de diamantes aqui na base por ser bem quisto!” (2009, p. 226). Então Miller mostra nesta peça que há possibilidades para atingir o sucesso no “sonho americano”.

Entretanto, o sucesso de Ben representa um “sonho americano” sem escrúpulos e amoral, como Guijarro-González & Espejo (2008, p. 66) afirmam: “há um consenso geral da crítica que o irmão de Willy representa um capitalismo impiedoso”<sup>39</sup>. Contudo existe também outra versão mais humana do “sonho americano”, a dos vizinhos de Willy; Charley e seu filho Bernard. O “sonho americano” deles

---

<sup>36</sup> “for Willy, Ben exemplifies the American Dream, the capitalistic success story”.

<sup>37</sup> “Ben’s answer is the “American dream” in summary”.

<sup>38</sup> “Willy Loman is mesmerised by a national myth embodied in the person of his brother Ben, who went into the jungle and came out rich”

<sup>39</sup> “There is widespread critical agreement that Willy’s brother stands for a ruthless capitalism”.

é “[...] uma versão não se transformando em auto-ilusão e em ambição amoral para o sucesso, mas em trabalho duro e caridade”<sup>40</sup>, como Bigsby (2005, p. 105) acrescenta.

Guijarro-González & Espejo (2008, p. 63) notam que: “em muitos aspectos, Charley funciona como um espelho de Willy. Estes dois homens encarnam abordagens radicalmente opostas, não só para fazer dinheiro, mas na vida em geral”<sup>44</sup>. É Charley, chamado por Arthur Miller (1994, p. 37) de “capitalista” e o “homem mais decente” em *A Morte de um Caixeiro-Viajante*, que baseia seu “sonho americano” em trabalho duro e não na popularidade, como Willy. Charley é sempre ridiculizado por Willy, mas Charley tem seu próprio negócio, empresta regularmente cinquenta dólares a Willy e defende Willy até no seu enterro: “que ninguém acuse este homem” (2009, p. 267). É também Charley que sempre oferece a Willy um emprego.

Charley, como declaram Guijarro-González & Espejo (2008, p. 66), “[...] também pode ser entendido como a contrapartida a outros dois personagens masculinos na peça: Ben Loman e Howard Wagner”<sup>41</sup>. Charley sente piedade por Willy, apesar de ser mal tratado por ele. Charley oferece mais uma vez um emprego a Willy, quando é despedido por Howard. Então, Charley “[...] está em oposição ao caráter de Howard Wagner, porque eles representam duas versões opostas de fazer negócios dentro do sistema capitalista (GUIJARRO-GONZÁLEZ & ESPEJO, 2008, p. 67)”<sup>42</sup>.

Além disso, também Charley e Ben são “[...] relacionados [...] como versões opostas de sucesso econômico”<sup>43</sup> (GUIJARRO-GONZÁLEZ & ESPEJO, 2008, p. 66), porque Charley representa um capitalismo humano e honesto, enquanto que Ben fez sua fortuna sem escrúpulos na selva. Então, Charley é o contraponto da impiedade de Howard e de Ben. Até Willy, orgulhoso e se

---

<sup>40</sup> “[...] a version turning not on self-delusion and an amoral drive for success but on hard work and charity”. <sup>44</sup> “In many respects, Charley functions as Willy’s double. These two men embody radically opposite approaches not only to Money making but to life in general”.

<sup>41</sup> “[...] can also be perceived as the counterpart to two other male characters in the play: Ben Loman and Howard Wagner”.

<sup>42</sup> “[...] stands in opposition to the character of Howard Wagner because they represent two opposing versions of doing business within the capitalist system”.

<sup>43</sup> “[...] related [...] as opposite versions of economic success”. <sup>50</sup> “Bernard can also be regarded as the logical extension of his father’s values”.

achando melhor do que Charley tem que dizer a Charley: “você é meu único amigo. Não é uma coisa incrível?” (2009, p. 236).

Bernard, de acordo com Guijarro-González & Espejo (2008, p. 69) “também pode ser considerado como a extensão lógica dos valores do pai”<sup>50</sup>. Bernard é um tipo de poucas palavras, como seu pai, que acredita em trabalhar e estudar muito. Bernard, chamado por Willy de “anêmico” e não sendo considerado como “bem-quisto” por Willy e seus filhos, tornou-se um advogado de sucesso, chegando até defender um caso na suprema corte.

Bernard é “um ambicioso trabalhador, honesto e talentoso, ele se move para frente com certa graça e humanidade [...] ao sonho”<sup>44</sup> (BIGSBY, 2005, p. 113). Bernard não fracassou na vida como Biff. Como Charley e Willy são forças opostas, Bernard e Biff são forças opostas também. Bernard é ridicularizado por Biff por estudar muito e ser responsável. Biff é um ladrão e quer ser “bem-quisto”. Apesar disso, Bernard ajudou Biff com seus estudos, até mesmo no ato de “filar” as provas.

Bernard e Charley mostram, como Guijarro-González & Espejo (2008, p. 69) sugerem, que: “era realmente possível alcançar o sucesso em uma economia capitalista americana do pós-guerra, permanecendo um ser humano honesto, que estava profundamente preocupado com as vidas dos menos afortunados”<sup>45</sup>. Charley e Bernard, por ajudarem Willy e Biff, mostram que não precisa ser impiedoso, como Howard e Ben, para se ter sucesso.

Assim, “[...] na forma de Charley e Bernard, existe outra versão do sonho [...] não baseada em auto-ilusão e uma motivação amoral para o sucesso, mas no trabalho duro e na caridade”<sup>46</sup> (BIGSBY, 2005, p. 105). Charley e Bernard mostram que trabalhar e estudar muito pode resultar em sucesso, ao invés de tentar fundamentar o “sonho americano” por sucesso material em conceitos vazios como o lema de Willy, “ser bem-quisto”.

<sup>44</sup> “an honest and talented striver, he moves onwards with a certain grace to [...] the Dream”.

<sup>45</sup> “it was indeed possible to attain success in a postwar American capitalistic economy while remaining an honest human being who was deeply concerned about the lives of those less fortunate”.

<sup>46</sup> “[...] in the form of Charley and Bernard, is another version of the dream [...] turning not on selfdelusion and an amoral drive for success but on hard work and charity”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A peça *A Morte de um Caixeiro-Viajante* pode ser considerada uma forte crítica ao ideal do “sonho americano”. Uma crítica perceptível pelo enredo, o tema e o discurso na peça. Desta forma, para citar Fernandes (2007, p. 234), a peça de Miller faz parte de uma “biblioteca, lugar onde os livros, ao serem retomados, promovem uma efervescência de sentidos em um jogo de memória marcado por entrecruzamento de diferentes discursos”. A peça de Miller é uma verdadeira biblioteca, sempre voltando ao “sonho americano” e funcionando como um lugar de memória, deixando os fracassados do “sonho americano” em nossa memória, evitando o silenciamento e o esquecimento das suas vítimas, como Willy Loman.

Mas também se pode apreender que, como Abbotson (2007, p. 137) enfatiza sobre o “sonho americano” de Willy: “sua queda e derrota final ilustram não apenas o fracasso de um homem, mas também o fracasso de um modo de vida”<sup>47</sup>. O problema social é que Willy morre na peça, porque ele é iludido pelo “sonho americano”. Willy acredita na superficialidade e falsidade do “sonho americano”, como materialismo e popularidade, “ao abraçar os valores fraudulentos de sua sociedade venal em sua busca fanática de seu sonho impossível, Willy abandona o controle sobre sua vida e inconscientemente coloca em movimento a corrente de circunstâncias que [...] provoca a sua morte”<sup>55</sup> (CENTOLA, 2008, p. 43).

Outra forma de ilustrar isso é que não é claro o que afinal Willy vende. Ele “[...] quer vender a si mesmo, [...] um ponto sublinhado pela omissão óbvia na peça de qualquer referência aos produtos específicos que Willy leva nas suas malas”<sup>48</sup>, como Centola confirma (2007, p. 28), o que é

---

<sup>47</sup> “His downfall and final defeat illustrate not only the failure of a man but also the failure of a way of life”. <sup>55</sup> “By embracing the fraudulent values of his venal society in his fanatical pursuit of his impossible dream, Willy relinquishes control over his life and unwittingly sets in motion the chain of circumstances that eventually brings about his demise”.

<sup>48</sup> “[...] he wants to sell himself, [...] a point underscored by the obvious omission in the play of any reference to the specific products that Willy carries around in his valises”.

confirmado pelo próprio Miller (1994, p. 141): “[...] quando perguntado o que Willy estava vendendo, o que estava em suas malas, eu só poderia responder: ele mesmo”<sup>49</sup>.

O “sonho americano” se tornou tão impessoal que nem importa o que se vende. O que importa é que vende. “Doutrinado pelas platitudes de fórmulas de sucesso e esquemas de enriquecimento rápido, Willy Loman [...] sacrifica a integridade pessoal e qualquer [...] dignidade humana [...] para atingir o sempre esquivo sonho americano de sucesso material”<sup>50</sup> (CENTOLA, 2008, p. 43).

Então Willy “[...] é um homem que passa de vender coisas a vender a si mesmo, e tornou-se [...] uma mercadoria que, como outras mercadorias, será [...] descartada pelas leis da economia”<sup>51</sup>, como diz Barker (2007, p. 40). No “sonho americano” moderno dos homens de negócio, Willy é descartado, quando não precisam mais dele. A única solução para Willy é se suicidar e, assim, ele se vende a si mesmo pelo prêmio do seguro.

Assim, Wiegand (1978, p. 301) afirma que “[...] há uma aprendizagem em *Caixeiro-Viajante*, uma aprendizagem que chega até o público e a Willy também: o sonho é uma farsa e não pode haver nenhuma possibilidade de sua sobrevivência [...]”<sup>52</sup>. No caso de Willy, é a ilusão falsa do “sonho americano” que provoca sua morte. A sociedade moderna e capitalista fez com que o “sonho americano” se tornasse um pesadelo de negócios sem escrúpulos, traindo os ideais originais do direito à felicidade, liberdade, igualdade e democracia. É esta lição de Miller que chega para o público, um “sonho americano” que foi traído pela ganância do mundo dos homens de negócios.

## REFERÊNCIAS

ABBOTSON, S. *Critical Companion to Arthur Miller*: a literary reference to his life and work. New York: Facts On File, 2007, 519 p.

ABID, S. *The Pursuit of Happiness*: the state of the American dream in Suzan-Lori Parks's

<sup>49</sup> “[...] when asked what Willy was selling, what was in his bags, I could only reply, Himself”.

<sup>50</sup> “Indoctrinated with the success-formula platitudes and get-rich-quick schemes, Willy Loman [...] sacrifices personal integrity and any [...] human dignity [...] to achieve the forever-elusive American Dream of material success”.

<sup>51</sup> “[...] is a man who from selling things has passed to selling himself, and has become [...] a commodity which like other commodities will [...] be discarded by the laws of the economy”.

<sup>52</sup> “[...] there is a Learning in Salesman, a Learning that gets through to the audience and to Willy too: the dream is a sham and there can be no possibility of his surviving [...]”.

*Topdog/Underdog*. 2012. Dissertação (Mestrado em Literatura Inglês) - Georgia State University, Atlanta. Disponível em: <[http://scholarworks.gsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1124&context=english\\_theses](http://scholarworks.gsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1124&context=english_theses)>. Acessado em 01 de dezembro de 2013.

ADAMS, J. T. **The Epic of America**. Boston: Little, Brown and Company, 1933. 405 p.

BARKER, S. The Crisis of Authenticity: *Death of a Salesman* and the tragic muse. In: BLOOM, H. **Bloom's Modern Critical Interpretations: Death of a Salesman**, updated edition. New York: Chelsea House Infobase Publishing, 2007, p. 35-56.

BIGSBY, C. **Arthur Miller: a critical study**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 514 p.  
\_\_\_\_\_. The last plays. In: BIGSBY, C. **The Cambridge Companion to Arthur Miller**. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 170-199.

CENTOLA, S. Arthur Miller: guardian of the dream of America. In: STERLING, E. **Arthur Miller's Death of a Salesman**. Amsterdam, New York: Editions Rodopi B.V., 2008, p. 33-46.

CLARK, J. In Search of the American Dream. **The Atlantic** s/p, 2007. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2007/06/in-search-of-the-american-dream/305921/>>. Acessado em: 05 de maio de 2015.

CLURMAN, H. The Success Dream on the American Stage. In: WEALES, G. **Death of a Salesman: text and criticism**. New York: The Viking Press, 1967, p. 212-216.

DILLINGHAM, W. B. Arthur Miller and the Loss of Conscience. In: WEALES, G. **Death of a Salesman: text and criticism**. New York: The Viking Press, 1967, p. 339-349.

FERNANDES, C. A. Literatura: forma e efeitos de sentido. In: INDURSKY, F, MITTMAN, S, FERREIRA, M. **Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 229-238.

\_\_\_\_\_, KHALIL, L. M. G. Espaço Discursivo e Construções Identitárias em Cora Coralina. In: SARGENTI, A. **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011, p. 249-268.

FERREIRA, M. C. L. O Lugar do Social e da Cultura numa Dimensão Discursiva. In: FERREIRA, M. C. L. **Memória e História na/da Análise do Discurso**. 1ª edição. Campinas: Mercado de Letras edições e Livraria LTDA, 2011, p. 55-64.

GOLDSTEIN, L. The Misfits and American Culture. In: BRATER, E. **Arthur Miller's America: theatre and culture in a time of change**. Ann Arbor: the University of Michigan, 2008, p. 109-134.

GUIJARRO-GONZÁLEZ, J. I., ESPEJO, R. Capitalist America in Arthur Miller's *Death of a Salesman*: a re-consideration. In: STERLING, E. **Arthur Miller's Death of a Salesman**. Amsterdam, New York: Editions Rodopi B.V., 2008, p. 61-80.

HADOMI, L. Rhythm Between Fathers and Sons: *Death of a Salesman*. In: BLOOM, H. **Bloom's Modern Critical Interpretations: Death of a Salesman**, updated edition. New York: Chelsea House Infobase Publishing, 2007, p. 13-24.

MILLER, A. A Morte de um Caixeiro-Viajante. In: MILLER, A. **A Morte de um Caixeiro-Viajante e Outras 4 Peças de Arthur Miller**. Trad. Siqueira, José Rubens. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 169-268.  
\_\_\_\_\_. Introduction to *Collected Plays*. In: MILLER, A. **The Theatre Essays of Arthur Miller**. London: Methuen Drama, 1994, p. 113-170.

NAVARRO, P. B. O Acontecimento Discursivo e a Construção da identidade na História. In:

NAVARRO, P., SARGENTI, V. **Foucault e os Domínios da Linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Editora Claraluz, 2004, p. 97-130.

RODRIGUES, E. A. Efeitos de Sentido em Curtas-metragens: diferenças e interseções entre discurso e memória. In:

INDURSKY, F, MITTMAN, S, FERREIRA, M. **Memória e História na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado de Letras Edições e Livraria LTDA, 2011, p. 237-250.



ROUDANÉ, M. C. *Death of a Salesman* and the Poetics of Arthur Miller. In: BIGSBY C. **The Cambridge Companion to Arthur Miller**. Second edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 63-88.

SCHWEINITZ, G. de. Arthur Miller: *Death of a Salesman*. In: WEALES G. **Death of a Salesman: text and criticism**. New York: The Viking Press, 1967, p. 272-279.

SINCLAIR, I. Death of a Salesman. In: SINCLAIR, I. **Insight Text Guide**. ST. Kilda: Insight Publications Pty Ltd., 2011, p. 1-67.

SPETH, J. G. What is the American Dream? Dueling Dualities in the American Tradition. **The Center for a New American Dream** s/p, 27-06-2011. Disponível em: <<https://www.newdream.org/blog/201106what-is-the-american-dream-dueling-dualities-in-the>>. Acessado em: 08 de março de 2015.

URANGA, L. Willy Loman and the Legacy of Capitalism. In: STERLING E. **Arthur Miller's Death of a Salesman**. Amsterdam, New York: Editions Rodopi B.V., 2008, p. 81-94.

WIEGAND, W. Arthur Miller and the Man Who Knows. In: WEALES, G. **The Crucible**. Text and Criticism. New York: The Viking Critical Library, 1978, p. 290-314.

Recebido em: 30/04/2016

Aceito em: 16/05/2016